

RITUAIS FUNERÁRIOS PRÉ-HISTÓRICOS - UM ESTUDO ANTROPOLÓGICO.

ANA CATARINA TORRES*

Resumo: As escavações de necrópoles pré-históricas no Nordeste do Brasil têm fornecido importantes informações sobre as populações pré-históricas da região. Além dos dados obtidos através dos estudos antropofísicos dos restos esqueléticos, os estudos dos componentes contextuais dessas necrópoles, se observados através de parâmetros da reflexão antropológica, contribuirão de forma significativa para o entendimento dos grupos humanos promotores desses ritos funerários.

Existem aspectos da vida que desde a pré-história são objeto de ritualizações por parte dos grupos humanos, a busca de alimentos, para permitir a existência, o sexo, para garantir a continuidade, e a morte, o fim inevitável.

As pesquisas e as escavações arqueológicas realizadas em todo o mundo têm levantado muitos vestígios sobre estes aspectos da vida na pré-história. Podemos dizer, porém, que grande parte das informações sobre a vida pré-histórica nos chega através da morte.

O estudioso francês, Edgar Morin, em sua obra *O Homem e a Morte*, afirma que é nas atitudes e crenças perante a morte que o homem se distingue mais nitidamente dos outros seres vivos, é aí que ele exprime o que a vida tem de mais fundamental, seu próprio sistema de viver.

Sabemos que outros animais também manifestam atitudes específicas diante da morte de um indivíduo de seu grupo, expressando sentimentos como de perda e dor, então, o que nos diferencia dos outros animais em relação à morte? O tratamento que lhe damos. O homem trata a morte como um fenômeno cultural. O tratamento cultural dado à morte é único e específico da espécie humana.

Nos parece, então, indispensável integrar os estudos sobre a morte e todos os seus componentes contextuais, nos parâmetros da reflexão antropológica, como propõem diversos estudiosos atualmente.

Nas pesquisas que desenvolvemos no nordeste brasileiro, utilizamos uma

abordagem teórica única e como componente teórico desta postura, realizamos o trabalho por região, não fazemos uma arqueologia de sítios e sim uma arqueologia de grandes áreas. Julgamos indispensável estudar a ocupação pré-histórica em toda a região para entendermos as formas de ocupação e locomoção, ou seja, o *sistema de viver* desses povos em grandes áreas ao longo de um grande espaço de tempo.

Durante os últimos vinte anos, as pesquisas arqueológicas realizadas na região têm mostrado determinadas situações em relação ao tratamento dado à morte que nos levaram a elaborar reflexões e a procurar propostas para trabalhar antropologicamente os dados que dispomos.

Basicamente nos deparamos com os seguintes fatos:

1. Existe um momento no qual não aparecem sepulturas nos registros arqueológicos, o que nos leva a crer que a prática de sepultamento ainda não existia.
2. Num segundo momento as sepulturas começam a aparecer nos registros arqueológicos, ou seja, começa a ocorrer a prática de sepultamentos.
3. Por fim as sepulturas aparecem no registro arqueológico de forma ampla e diversificada, a inumação é amplamente realizada.

Estudando a evolução cultural do homem, percebemos que a tradição social transmitida, relacionada ao tratamento fúnebre, geralmente perdura por longos períodos e sua modificação torna-se, desta forma, bastante significativa dentro do quadro de mudanças comportamentais. A etnologia vem demonstrando que os mortos foram ou são sempre alvo de práticas que correspondem a crenças que dizem respeito à sobrevivência ou ao seu renascimento. Não existe grupo humano que abandone seus mortos ou que os deixem sem ritos.

Desta forma, fica evidente que o tratamento dado aos mortos pelo homem pré-histórico é um forte indicador de sua maneira de encarar a morte e, conseqüentemente, do seu modo de vida. A vida em grupo e a conseqüente proteção dos seus componentes, permitiu a sobrevivência dos homens na pré-história e possibilitou o desenvolvimento de suas aptidões tecnológicas e crescimento demográfico. No entanto, os primeiros enterramentos humanos que temos conhecimento não coincidem com a comprovada presença dos primeiros grupos humanos pré-históricos. Onde estarão esses mortos? Se é verdade que o morto não é abandonado pelos seus familiares, a situação nômade não permite que sejam enterrados e deixados para trás. Se o grupo se desloca é provável que, de alguma forma, o morto também acompanhe o seu grupo.

Levantando historicamente os achados de fósseis humanos, percebemos que até o aparecimento do homem de Neanderthal, não existem registros de enterramentos humanos. Todos os achados que se reportam à períodos anteriores, dentro da escala bio-evolutiva humana, são de pequenos fragmentos de esqueletos, não relacionados a nenhum tipo de estrutura funerária. Sabemos que o homem de Neanderthal enterrava seus mortos, o *Homo sapiens sapiens*, que foi seu contemporâneo, só começa a enterrar seus mortos milhares de anos depois. O que aconteceu nesta grande lacuna?

Esta situação ocorre em todo o mundo. As escavações arqueológicas realizadas no continente americano têm demonstrado que nossos primeiros habitantes eram *Homo sapiens sapiens*, e a cada dia fica mais claro e incontestável a grande antiguidade da sua presença no nosso continente. Temos datações de 50.000 anos atrás para a presença do homem no sudeste do Piauí. No entanto os primeiros enterramentos só começam a aparecer nos registros arqueológicos da região por volta dos 10.000 anos atrás.

Na verdade, o esqueleto humano mais antigo encontrado na região não estava numa situação caracterizada com enterramento, mas foi decorrente de uma situação que caracterizamos como *morte por acidente*. Foi encontrado no sítio arqueológico Toca da Janela da Barra do Antonião, em São Raimundo Nonato, no Piauí. Era um corpo de uma mulher, datado em 9670 anos BP, que foi morta em decorrência da queda de um grande bloco, com cerca de seis toneladas, que se desprendeu do teto do abrigo nas proximidades de onde ela se encontrava. A onda expansiva provocada pela queda ter-lhe-ia causado a morte, inclusive separando a cabeça do resto do corpo.

A partir desta datação outros esqueletos humanos são encontrados e começam a aparecer os sepultamentos, isolados ou concentrados em um mesmo local, surgindo os espaços que caracterizamos como cemitérios. Quatro sítios cemitérios foram encontrados e escavados total ou parcialmente no Nordeste do Brasil, e deles provém o conhecimento que temos dos rituais funerários da nossa região na pré-história.

Sítios cemitérios encontrados na região :

- . A Gruta do Padre (Petrolândia, PE).
- . A Furna do Estrago (Brejo da Madre de Deus, PE).
- . O Sítio do Justino (Canidé, SE).
- . O Abrigo Pedra do Alexandre (Carnaúba dos Dantas, RN).

A Gruta do Padre foi utilizada como “ossuário”. O grupo étnico que utilizou a gruta como cemitério queimava os corpos dos seus defuntos fora da

gruta e depois os depositavam nela. Foi utilizada como cemitério durante quase mil anos, a partir de 2000 anos BP.

Na Furna do Estrago foram encontrados mais de oitenta esqueletos, muitos em bom estado de conservação, o que permitiu um apurado estudo dos rituais funerários ali realizados. O sítio foi utilizado como cemitério na mesma época da Gruta do Padre, entre 2000 e 1000 anos BP.

O Sítio do Justino, recentemente inundado pela represa de Xingó, foi escavado parcialmente (um terço da jazida), mas mesmo assim apresentou-se como o mais denso cemitério indígena do Brasil. Foram obtidas seis datações radiocarbônicas que vão desde 8950 anos até 1280 anos BP. As duas centenas de esqueletos retirados, irão permitir que seja feita uma análise dos rituais funerários dos habitantes pré-históricos do baixo vale do São Francisco.

Até o momento o sítio arqueológico, caracterizado como sítio cemitério, mais antigo da região, é o sítio Pedra do Alexandre. Nele se obteve uma datação de 9400 anos BP para o enterramento de uma criança e, numa área de menos de 40 metros quadrados, foram encontrados 28 enterramentos humanos com características bastante diversificadas. As datações obtidas até o momento, demonstram que durante 7000 anos o sítio foi utilizado como cemitério (datação mais recente 2620 anos BP).

Tomando como referência o Sítio Pedra do Alexandre, que vem sendo escavado pelo Núcleo de Estudos Arqueológicos desde o ano de 1991, podemos dizer que constatamos determinados fatos que nos levaram a pensar qual seria a real contribuição que a arqueologia poderia dar ao conhecimento deste aspecto da cultura pré-histórica.

Acreditamos que para trabalhar antropológicamente os dados de que dispomos precisamos ir além das constatações, medições, seriações, etc. Que fato antropológicamente significativo podemos detectar num sítio como o Alexandre? A existência nos mesmos lugares, em tempos diferentes, de rituais de enterramentos diversos?

Sabemos que o homem tem se mostrado extremamente conservador em suas atitudes diante da morte. Os rituais funerários modificam-se muito lentamente ao longo da história humana. Os locais de deposição dos mortos têm se mostrado como *locais sagrados*, onde um ente específico do grupo irá repousar em sua jornada além da vida. A ritualização em torno dos enterramentos demonstram o aspecto subjetivo e simbólico de encerrar o fim da vida biológica, talvez o de uma existência após a morte.

As sociedades humanas utilizam-se de símbolos em seus rituais que refletem sua estrutura social. Como explicar então, a prática de rituais tão

diferentes em um mesmo espaço? Se o tempo age como modificador de uma estrutura social estabelecida, como fica o significado de *local sagrado* para esta nova sociedade?

Essa diferenciação poderia significar uma estrutura social diferenciada ou uma estratificação social aplicada à morte?

Acreditamos que para responder a tais questões um dos caminhos possíveis é o de procurar variáveis ou caracterizadores que nos permitam entender as diferenças, tentando caracterizá-las e situá-las no tempo.

A partir de alguns elementos, que julgamos básicos, procuramos elaborar *uma matriz de possibilidades*, onde a interrelação desses elementos nos remetem à diversas situações possíveis, num exemplo de raciocínio aplicado à busca do entendimento dessa diversidade verificada.

MATRIZ DE POSSIBILIDADES

			Situação
RITUAIS ≠	TEMPOS ≠	ESTRUTURA SOCIAL ≠	1
		ESTRUTURA SOCIAL =	2
	TEMPOS =	ESTRUTURA SOCIAL ≠	3
		ESTRUTURA SOCIAL =	4
RITUAIS =	TEMPOS ≠	ESTRUTURA SOCIAL ≠	5
		ESTRUTURA SOCIAL =	6
	TEMPOS =	ESTRUTURA SOCIAL ≠	7
		ESTRUTURA SOCIAL =	8

Cada uma das possibilidade nos remete a uma situação explicativa diferente. Por exemplo, na situação (1) a diversidade de enterramentos, num mesmo local, em tempos diferentes, seria justificada pela existência de uma estrutura social diferente. A diferença na estrutura social, adquirida ao longo do tempo, implicaria na forma diferenciada de tratar os mortos, mesmo que estejam enterrados no mesmo local.

Já a situação (2) implicaria numa mudança na forma de tratar os mortos ao longo do tempo, mesmo com uma estrutura social não modificada. As

diferentes formas de enterrar devem estar provavelmente relacionadas a outras questões além da estruturação social do grupo.

O mesmo raciocínio deve ser aplicado às outras situações possíveis, para as quais, inclusive, poderão ser considerados alguns fatores de convergência que tenham levado grupos etnicamente diferentes a usar o mesmo local para práticas de sepultamento de seus mortos, como, por exemplo, uma origem biocultural comum, distanciada em decorrência da necessidade de divisão dos grupos, na garantia de sua sobrevivência. Um outro fator a ser considerado, poderia ser o da valorização de um território da morte, comum a todos, para os quais a existência de um “local sagrado” sobrepõe-se às diferenças culturais.

Para uma reflexão antropológica da morte na pré-história, todos os componentes contextuais que a envolvem devem ser pensados e analisados. As pesquisas arqueológicas, etnológicas e etológicas, contribuem de forma contundente no entendimento dos aspectos mais abrangentes do tema, assim como na identificação das suas variações peculiares.

Abstract: Prehistoric necropolis excavations in Northeast Brazil have furnished important information of the region's prehistoric populations. In addition to data collected through anthropophysical studies of skeletal remains, studies of contextual components of these necropolis, if observed through the parameters of anthropological reflection, will significantly contribute to the understanding of the human groups promoting these funeral rites.

*Professora da Universidade Federal de Pernambuco.

Referências Bibliográficas

- MORIN, E. (1970) - 'O homem e a morte.' Publicações Europa-América, LDA, Portugal.
- BINFORD, L.R. (1971) - 'Mortuary Practices: their study and their potential.' In J. Brown ed. Approaches to the social dimensions of mortuary practices. Memoirs of the American Archaeology Society, n°25.
- LIMA, J. (1984) - 'Pesquisa arqueológica no município de Brejo da Madre de Deus.' Symposium, vol. 26, n°1, pp 9-60, il. UNICAP, Recife.
- ARIÈS, P. (1990) - 'O homem diante da morte.' Livraria F. Alves editora, Rio de Janeiro.
- GUIDON, N.; Pessis, A.; Martin, G. (1990) - 'Linha de pesquisa : O povoamento pré-histórico do Nordeste do Brasil.' CLIO Série Arqueológica, pp 123-126. UFPE, Recife.

- VERGNE,C.; Amâncio,S. (1992) - 'A necrópole pré-histórica do Justino / Xingó - Sergipe.' (Nota prévia). CLIO - Série Arqueológica n° 8, vol. 1, pp 171-182. UFPE, Recife.
- MARTIN, G. (1994) - 'Os rituais funerários na pré-história do Nordeste.' CLIO n°10 vol.1, pp 29-46. UFPE, Recife.
- MARTIN, G. (1996) - 'O cemitério pré-histórico do abrigo Pedra do Alexandre, Carnaúba dos Dantas- RN.' CLIO - Série Arqueológica n°11, vol.1, pp 43-57. UFPE, Recife.
- TORRES, A. (1996) - 'Estudo dos pigmentos do sítio pré-histórico Pedra do Alexandre, Carnaúba dos Dantas, RN.' CLIO - Série Arqueológica n°11, vol.1, pp 59-70. UFPE, Recife.
- NASCIMENTO,A.; Alves,C.;Luna, S. (1996) - 'O sítio arqueológico Alcobaça, Buíque - Pernambuco: primeiros resultados.' CLIO - Série Arqueológica n°11, vol.1, pp 87-98. UFPE, Recife.
- MARTIN, G. (1996) - 'Pré-história do Nordeste do Brasil.' Ed. Universitária da UFPE, Recife.
- LEWIN,R. (1996) - 'Le origini dell'uomo moderno. Daí primi ominidi a Homo sapiens.' Zanichelli Editore S.p.A., Bologna, Itália.